

Resenha

**As 10 questões essenciais da era digital**  
(RUSHKOFF, Douglas. São Paulo: Saraiva. 2012, 158p.)

Juliano PAZ DORNELLES<sup>1</sup>

Tornamo-nos dependentes da tecnologia. Percebemos isso quando acessamos e compartilhamos conteúdo nas mídias sociais, utilizamos e programamos softwares que facilitam o dia-a-dia, além da interação mediada, da construção coletiva e colaborativa de conhecimento. O mundo virtual e real, assim como homem e máquina, vive uma comunhão sem precedentes que nos direciona a um futuro onde teremos relações mais complexas e cada vez mais virtualizadas dentro de um contexto de dependência mediada tecnológica.

Em um contexto de transformações tecnológicas percebemos a emergência de algumas questões essenciais à discussão que vem ganhando força no panorama atual. Algumas destas questões encontram-se trabalhadas na obra ‘As 10 questões essenciais da era digital’ de Douglas Rushkoff. Questões que envolvem as relações humanas mediadas pela tecnologia e as relações entre os homens e o próprio mundo tecnológico.

Ao início da introdução de seu livro, Rushkoff exemplifica um processo evolutivo de aprendizagem. “Quando nós, os humanos, adquirimos linguagem, aprendemos não somente a ouvir, mas a falar. Quando ganhamos a escrita, nós aprendemos não apenas a ler, mas a escrever” (p. 7). Na sequência dos exemplos o autor coloca a importância de aprendermos a construir programas de computador personalizados às nossas necessidades.

No livro, o autor coloca a seguinte máxima: ‘Programe ou será programado’. Rushkoff defende a necessidade de todos conhecermos, ao menos, o mínimo necessário de programação. O autor cita o fato de que hoje em dia a grande maioria das escolas prioriza o ensino de uso de softwares, em vez de ensinar a construção dos programas.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM - PUCRS). Bolsista CNPQ. E-mail: pazdornelles@hotmail.com

“Quando se ensina um software como matéria a um garoto ou garota, eles tenderão a pensar sobre isso como qualquer outra coisa que eles têm de aprender”. (p. 139) Neste contexto a noção de programação surge como um conhecimento libertador que permite ao jovem pensar todo o processo de construção do programa, partindo de uma lógica de arquitetura voltada a solucionar problemas.

Apesar de um aparente fascínio pela programação na defesa da ideia inicial e final do livro, ‘As 10 questões essenciais da era digital’ aborda outros temas que se posicionam em torno da tecnologia. Ainda na introdução, o autor coloca que ‘computadores e redes são mais do que meras ferramentas: eles próprios são seres vivos’ (p. 8), remetendo à ideia da construção da inteligência coletiva como uma espécie de consciência pós-humana. ‘Estamos criando um projeto juntos – um projeto para o nosso futuro coletivo’ (p.8)

Uma das questões abordadas na obra trata dos infinitos usos que os jovens deram às redes sociais para ‘redefinir a si próprios’ (p. 9). As novas oportunidades de comunicação e jornalismo alternativo surgem a medida que as tecnologias se desenvolvem. Mobilidade e ubiquidade são avanços que gradualmente se tornam parte de nosso cotidiano.

Rushkoff sugere a figura do pós-humano, que começa a ser configurada a partir das possibilidades propostas pelo desenvolvimento tecnológico. “As pessoas estão sendo reduzidas a sistemas nervosos configuráveis externamente, enquanto computadores estão livres para constituírem redes e pensarem de modos mais avançados” (p. 12)

Outro ponto discutido na obra, que merece igual destaque, é a escrita. “Computadores e redes finalmente nos oferecem a capacidade de escrever. E, de fato, nós os usamos para escrever nos nosso websites, blogs e redes sociais.” (p. 14) Retomando a questão a programação vinculada à produção de textos e outros formatos de mídia na internet o autor coloca que: “O povo ouve enquanto os rabinos leem; o povo lê enquanto aqueles com acesso à imprensa escrevem; hoje nos escrevemos enquanto a nossa tecnoelite programa”. (p. 15)

Conforme Roshkoff “estamos replicando a própria função de cognição por meio de mecanismos externos, extra-humanos” (p. 16-17) em que “os computadores fazem mais do que usurpar o valor do pensamento humano” (p. 18) Isto pode ser observado a partir das tarefas, que antes requeriam raciocínio e concentração, agora são delegadas às

máquinas. Em vez de aprendermos a tabuada na escola primária, ou as fórmulas integrais e derivadas nas faculdades de engenharia, aprendemos a como usar a calculadora.

Depois o autor coloca outro dos grandes males da era virtual. A dependência mediada. A cada ano, a média de tempo de conexão à rede cresce sem limites e precedentes. Se antes a comunicação mediada se resumia à escrita e leitura de e-mails, hoje passamos o dia inteiro com dispositivos como Facebook, Skype e Twitter plugados em tempo real.

Para o autor: “Nossos cérebros se adaptaram a diferentes situações. Tecnologias sempre nos modificaram”. (p. 35) Estamos sendo reconfigurados em comportamento e identidade. Até mesmo a nossa capacidade de armazenar informações vem sendo absorvida e delegada aos CDs, DVDs, Pen drives e HDs virtuais. “A terceirização de nossa memória para as máquinas expande a quantidade de dados a que temos acesso, mas degrada a habilidade de nosso cérebro lembrar”. (p. 35)

Hoje podemos trabalhar em um lugar estando presente em outro. “A era digital nos oferece a oportunidade para reconhecer a tendência de deslocamento da nossa mídia interativa” (p. 49). De algum modo as mídias não são meramente produtos físicos, mas sim representações simbólicas. Seja um dispositivo compacto como um cartão de memória ou um grande servidor.

“Com cada avanço em tecnologia, nossa experiência do mundo é ainda mais reduzida em complexidade” (p. 68). Quanto mais desenvolvido o dispositivo, menos conhecimento é necessário para saber manuseá-lo.

Neste contexto geral se recriam também as identidades individuais e institucionais. Em relação às organizações Rushkoff afirma que “cada empresa de qualquer tamanho está procurando por uma ‘estratégia social’ por meio da qual estenda sua marca”. (p. 103) Da mesma forma que as pessoas comuns, as grandes corporações vem se apropriando das plataformas interativas para comercializar produtos, serviços e ideologias, além de legitimar suas respectivas subjetividades.

Para Rushkoff “o conteúdo não é a mensagem, o contato é” (p. 107). O que ele chama de transmissão de neurônios a fim de acordar a si próprio. De algum modo todo tipo de relacionamento está inserido em um contexto de mediação tecnológica. Desde ao primeiro encontro dos namorados e a reunião de amigos pra debater o jogo de futebol, às relações entre públicos e organizações através de ações de marketing.

A grande questão que resume todas as outras na obra de Rushkoff é o fato de que diante de todas estas transformações que nos tornam cada vez mais dependentes da tecnologia, precisamos ir ao encontro as soluções comportamentais que nos tragam novamente certa independência e autonomia frente ao desenvolvimento tecnológico. Devemos nos tornar programadores ativos de nosso futuro.